

O Mal e a Ontologia Trinitária – uma visão de Jesus Abandonado e o Mal.

Diego Klautau

Mestre em Ciências da Religião pela PUC-SP

Dklautau@yahoo.com.br

Resumo: O pensamento de Chiara Lubich (1920-2008) realizou um novo enfoque sobre a reflexão sobre o Mal numa perspectiva do cristianismo católico. Em suas bases filosóficas e teológicas, Enrique Canbón apresenta em sua obra *Assim na terra como na Trindade*, um entendimento do Mal como exclusão do entendimento de Deus como Trindade, e assim um impedimento da compreensão da realidade de amor presente na revelação cristã. Ao perceber os conceitos de Jesus Abandonado, e a relação do homem como o Mal, e de Jesus em Meio, presentes no livro de Chiara Lubich *Ideal e Luz*, seguimos uma consonância do pensamento de Bento XVI em sua encíclica *Deus Caritas Est*, como expressão da reciprocidade da comunidade cristã entre seus membros e da resposta do homem ao amor de Deus. O amor ágape, seu segundo Bento XVI, é a origem do amor cristão, quando vivido reciprocamente como dom de Deus entre os homens, caracteriza a realidade de Jesus em Meio, conceito expresso por Chiara Lubich e Enrique Canbón no entendimento de trindade presente na terra.

Palavras-Chave: Trindade, Amor, Deus

Abstract: Summary: The thought of Chiara Lubich (1920-2008) carried through a new approach on the reflection on the Evil in a perspective of the Christianity catholic. In his philosophical and theological bases, Enrique Canbón presents in his book *As in earth as in the Trinity*, an comprehension of the Evil as exclusion of the understanding of God as Trinity, and thus an impediment of the understanding of the reality of present love in the Christian revelation. When perceiving the concepts of Abandoned Jesus, and the relation of the man as the Evil, and of Jesus in midst, in the book of Chiara Lubich *Ideal and Light*, we follow a accord of the Benedictus XVI in its encyclical, letter from the pope, *God Caritas Est*, as expression of the reciprocity of the Christian community between its members and of the reply of the man to the love of God. The love ágape, its as Benedictus XVI, is the origin of the Christian love, when lived reciprocal as gift of God between the men, characterizes the reality of Jesus in midst, express concept for Chiara Lubich and Enrique Canbón in the understanding of trinity in the earth.

Key-Words: Trinity, Love, God

1) Chiara Lubich e os focolares

No discurso pronunciado por ocasião da entrega a Chiara Lubich da “Medalha de Honra ao Mérito” da Universidade de São Paulo, em 30 de abril de 1998, o então governador de São Paulo, André Franco Montoro afirmou:

Quando vemos o Movimento dos Focolares presente em cento e oitenta e duas nações dos cinco continentes, com o apoio de milhões de pessoas; quando tomamos conhecimento das homenagens que lhe são prestadas por católicos e ortodoxos, por igrejas protestantes e sinagogas judaicas, por mesquitas muçulmanas e monges budistas; quando vemos os inúmeros títulos e condecorações que lhe são conferidos por universidades de todos os continentes; quando vemos a Unesco conferir-lhe o Prêmio de Educação para a Paz; nós tomamos consciência de que estamos diante de um movimento de significação histórica. (Montoro, 2003, p.13)

É nesse contexto de início do século XXI, que muitos filósofos já apontam como pós-modernidade, uma sucessão de atos com a única finalidade o instante, de perda da racionalidade planejada da era moderna e consolidada no século XIX, por sua vez desmascarada no século XX, que o movimento dos focolares apresenta uma proposta singular: ‘ut omnes unum sint’. Que todos sejam um.

Surgido durante a Segunda guerra mundial, em meio aos horrores do fascismo, do nazismo e dos totalitarismo de estado e de mercado, o movimento inicia-se com um grupo de jovens mulheres. Chiara Lubich, então uma italiana de 23 anos, decide, juntamente com um grupo de amigas, abraçar com profundidade a vivência evangélica. A professora Chiara Lubich se lança, em meio aos bombardeios frequentes sofridos na cidade de Trento, em 1943, a uma escolha que repercutiria no decorrer de todo século XX: dedicar-se totalmente a Deus, vivendo em plenitude seus mandamentos.

Dos escombros da guerra que era a culminação dos valores modernos, de expansão imperialista do mercado e do estado, de doutrinas que pregavam a valorização da superioridade entre os homens, e do controle social, através do totalitarismo estatal, estabelecido de forma plena e em todas as dimensões da vida humana, surge um pequeno movimento. Para Montoro, esse movimento seguirá de forma íntima a história da segunda metade do século XX, de acordo com suas mudanças e transformações de cunho político e social.

Em plena Segunda guerra, na cidade de Trento, entre as ruínas e a destruição, Chiara Lubich decide abraçar um ideal. Contra os totalitarismos,

ela vem proclamar a dignidade inviolável das pessoas humanas. Contra o nacionalismo estreito dos que decidiram a guerra, vem defender o entendimento pacífico de todos os povos e religiões, para que ‘todos sejam um’. Contra a violência e o ódio, vem pregar o amor, ‘que é a vida do mundo’. Esse calor humano tem seu lugar privilegiado na família, que a Declaração Universal dos Direitos Humanos proclama como núcleo natural e fundamental da sociedade. Calor humano, fogo do lar, focolares. (Montoro, 2003, p. 16)

Assim, as relações entre indivíduo e sociedade e entre nações e mundo, apregoadas na Declaração Universal dos Direitos Humanos, de 1948, são colocados de forma prática e concreta no decorrer do século XX. De mesma forma o Concílio Vaticano II, ocorrido entre 1962 e 1965, evoca as doutrinas bases da Igreja Católica, na sua forma de enfrentar a reconstrução do mundo após as grandes guerras. Espiritualidade comunitária, valorização do leigo, da mulher e da atuação no mundo como forma de santificação, a doutrina das sementes do verbo, que afirma a possibilidade de salvação mesmo fora da Igreja católica.

A tensão entre as exigências da história e a permanência entre os valores evangélicos, segundo a interpretação de Piero Coda, nos demonstra a importância da espiritualidade comunitária, a unidade, de Chiara Lubich e as exigências da modernidade e de sua crise. Para Piero Coda é justamente os carismas dados por Deus a santos no decorrer da história, notadamente os santos que contribuíram de forma central para as dificuldades específicas de cada época.

Mas o pensamento e a espiritualidade de Chiara Lubich não testemunha apenas uma mudança de paradigma na história da espiritualidade cristã – do primado do indivíduo ao equilíbrio entre pessoa e comunhão – conforme as expectativas do Concílio e as exigências apresentadas pelos sinais dos tempos. Ela, justamente por enraizar-se na mística do Jesus, verdadeiro Deus e verdadeiro homem, que revive hoje pela unidade entre os seus, põe ao mesmo tempo todas as premissas para uma contribuição significativa à mudança de paradigma cultural que nossa era, de forma angustiada e por vezes até mesmo trágica, exige agora com urgência e começa a prognosticar e a configurar, de formas diversas e até contraditórias. Essa também não é uma coisa nova na história da espiritualidade cristã. Um grande carisma gera por si um estilo cultural e dá uma marca às expressões do humano e do social em que é chamado a se inserir e agir. Basta pensar no que aconteceu com o ora et labora de São Bento e o nascimento da Europa; ou com o ideal de senhora pobreza de Francisco de Assis e o florescimento da cristandade medieval; ou com o ad maiorem Dei gloriam de Inácio de Loyola e o delinear-se da era moderna: teologia, filosofia, práxis social, economia política, arte e até a abordagem científica da natureza, foram influenciados e, às vezes, até vitalmente impregnados pela inspiração mística desses grandes santos. (Coda, 2003, p.25)

Assim, as relações entre ciência da História e pensamento Teológico serão tocadas rapidamente para a maior compreensão da atuação de Deus na história dos homens. O pensamento Teológico da ação de Deus, centralmente na dinâmica transcendência e imanência, será a premissa buscada na história.

Baseada em dois principais pontos, Jesus Abandonado e Unidade, a espiritualidade dos foculares é prática e coletiva. Os dois pontos são buscados constantemente, através das expressões do movimento, seja na política, na economia, na cultura, na educação, na academia na religião.

A unidade é a busca da superação do fechamento em si mesmo, do individualismo consumista, seja na relação com os amigos, com as sociedades, com o divergente, com a cultura. A unidade é a base da espiritualidade de comunhão que estabelece os paradigmas de transcendência em uma época marcada pelo isolamento e pelo medo. É entendida em sua sensibilidade teológica como a presença de Jesus em Meio, que vivifica a existência e a realidade.

O trecho de Mateus que afirma a herança de Jesus presente afirma que Jesus pede que todos sejam um como ele e o Pai são um (Mt 18, 19-20). Na clausura do individualismo contemporâneo, a unidade é o desafio de abrir-se para uma relação social, respeitando-se de forma franca e sincera, buscando compreensão mútua, amor mútuo, de prisma da fraternidade, princípio esquecido da revolução francesa, integrante porém da modernidade, obscurecida e abafada pelos totalitarismos deturpadores da igualdade de estado e da liberdade de mercado.

Jesus Abandonado é uma referência ao estado de Jesus quando crucificado, no seu grito de dor ao Pai, em Marcos 15, 34; e em Mateus 27, 46 “Senhor por que me abandonaste?”. Esse grito é compreendido pela superação de si mesmo e de entrega para o vazio que se vê, confiando mesmo no silêncio. É perder-se nos mistérios da paixão de Cristo, que leva amor onde não há amor. É confiança inexplicável, que transcende as explicações racionais, os estados emocionais e mesmo a certeza da fé. É mais que confiança, é entrega total, na mais absoluta dor, e na mais aguda solidão e no mais profundo desespero. Amar, amar a Deus, mesmo quando este se perde na condição humana. Para o teólogo Jesús Catellano.

A unidade e Jesus Abandonado são, portanto, as palavras-chave desse carisma, como se pode ver em todos os escritos de Chiara Lubich. Aqui se enraíza a universalidade dos seus princípios, a força granítica de suas páginas, abertas a todos, a beleza também das suas referências, já que beleza divina é a comunhão

trinitária de Deus, e beleza divino-humana é a face do Abandonado do Calvário, como o semblante do Cristo de Michelangelo no colo de sua Mãe na estátua da Pietá (imagem diletta a Chiara). De fato, o seu grito atroz, feito belo pelo abandonar-se confiante nas mãos do Pai, fala da possibilidade suprema de tornar belo também cada rosto humano marcado pela dor e pelo pecado, se for transfigurado pelo amor confiante que se abandona Naquele que vê todos nós em e por meio de seu Filho.

Unidade e Jesus Abandonado. Entre esses dois pólos que se atraem reciprocamente em Cristo, desdobram-se todos os caminhos da espiritualidade, os da Igreja e das Igrejas, os das outras religiões, os dos valores espirituais e humanos de todas as outras religiões, os dos valores espirituais e humanos de todas as outras pessoas que procuram Deus sem saber, caso procurem a verdade, porque Deus é verdade (Castellano, 2003, p.31-32)

Assim, o movimento dos focolares, a cujo nome canônico é Obra de Maria, propõe uma outra globalização, da fraternidade, entre homens e mulheres, entre adultos e crianças, entre os setores internos da Igreja católica, entre as Igrejas cristãs, entre os membros de outras religiões e mesmo entre os ateus de boa vontade. Respeitando as diferenças, com o cuidado de sempre ressaltar que unidade não é uniformidade, e que pessoa religiosa não significa necessariamente pessoa espiritualizada.

Numa época que prega o fim da família, numa alusão ao gozo, momentâneo e ligeiro, numa percepção consumista e espetacular das relações humanas, o movimento pratica a fraternidade familiar. É transformar o mundo num lar, numa grande família humana. Numa época de descrença de grandes transformações, os focolares apresentam questões práticas. Projetos em andamento, possíveis de se realizar. É amar Jesus abandonado. As mais de 900 empresas do projeto de Economia de Comunhão espalhadas pelo globo, e os inúmeros políticos de diversos países, de partidos e orientações diferentes, no Movimento Político pela Unidade, as publicações de comunicação e os diversos livros editados pelo movimento, o Instituto universitário Sofia na Itália, A Fazenda da Esperança em Guaratinguetá, centro de recuperação de dependentes químicos, visitada por Bento XVI quando no Brasil, são expressão dessa praticidade cotidiana da espiritualidade focolarina.

2) A Trindade e o Amor

A partir dessa compreensão da espiritualidade de Chiara Lubich, o teólogo Enrique Canbón (2000) desenvolve em seu livro *Assim na Terra como na Trindade*, uma visão sobre o Mal, entendido como a experiência de privação e sofrimento que se dirige ao vazio, à morte e ao nada, baseado no conceito de Jesus Abandonado.

O mal na tradição cristã assume diversos significados. Nesse sentido, a especificidade de entender o conceito de Jesus Abandonado é a maneira que abordamos neste artigo. A compreensão do sofrimento e da morte através da vivência de Jesus de abandono na cruz, de experiência de desamparo do Pai e de cegueira em relação ao amor de Deus, que era ele mesmo, que Jesus afirmou que ele e pai eram um, e quem o via, via o Pai, exige uma compreensão da realidade trinitária de Deus.

Se o mal, através de Jesus Abandonado, é o sofrimento e a morte no distanciamento de Deus, que é a alegria e a vida, e a realidade da unidade, a vida de Jesus em Meio, é a vida em Deus, o entendimento da relação entre Jesus e Deus se torna essencial na compreensão de Jesus Abandonado. Assim, a concepção de Mal, enquanto a cegueira do amor de Deus por sua criatura, é uma compreensão de Jesus Abandonado.

Para Canbón (2000) , a trindade é a grande revelação evangélica. A premissa de que Deus é amor, trazida por Jesus, é a grande mudança paradigmática do relacionamento com Deus. De fato, a intimidade de Jesus com Deus é a grande diferença que existe entre a tradição cristã e as religiões monoteístas, como o judaísmo e o islamismo.

Os estudos trinitários são os que, recentemente, têm trazido mis novidades para o pensamento e para a vida do cristianismo. Notáveis esforços têm sido feitos para renovar a teologia trinitária e repensar toda a teologia à luz da Trindade. No entanto, o fenômeno mais relevante é a ênfase com que vem sendo redescoberta a imitabilidade, a praticabilidade da vida trinitária na história. Com efeito, constantemente aparece, nos textos e nos ambientes cristãos, a afirmação de que na Trindade estão não apenas a origem e o fim, mas também a raiz, o espaço e o modelo da sociabilidade humana. (Canbón, 2000, p. 16)

Essa imitabilidade e a praticabilidade que Canbón afirma existir entre a Trindade e o modelo de sociabilidade humana é radicalizada pelos diversos setores e matizes da espiritualidade de Chiara Lubich. A Trindade é assim, o modelo essencial de Jesus em Meio. A unidade é trinitária, porque que todos sejam um como o Pai e Jesus são um, isto é, na relação específica de Jesus com o Pai, através do Espírito Santo, que deve ser vivida a unidade segundo Chiara Lubich.

Nosso trabalho, então, quer ser sobretudo didático, divulgador; e não apenas voltado para a prática, mas baseado nela: as afirmações contidas nestas páginas, inclusive as que talvez pareçam mais teóricas e especulativas, narram efetivamente uma experiência; partem da vida concreta de numerossíssimas pessoas que, de algum modo, já experimentaram o que diremos. (Canbón, 2000, p. 17)

Na tradição mística, quer dizer a experiência do mistério transcendente, da relação vivida com o divino, é que Canbón fala. É do lugar de testemunha que o teólogo se manifesta. Integrante do movimento dos focolares, o sacerdote Canbón apresenta sua percepção trinitária a partir do Carisma da Unidade, de sua experiência eclesial. O objetivo é didático: Canbón quer comunicar sua vivência e ensinar como se pode vivê-la, por mais especulativa e teórica que se apresente, afirma que é prática e vivida.

Para compreendermos a teologia trinitária de Canbón, existem três conceitos-chaves: a pericórese, a kénose e o amor ágape. Os três conceitos expressam a realidade que podemos apreender da revelação evangélica em relação à trindade. Para Canbón, a relação entre as pessoas de Deus: Jesus, o pai e o Espírito Santo podem ser vislumbradas, inicialmente através desses três conceitos.

Pericórese é a característica da Trindade de integração entre os diferentes. É a capacidade de ser na outra pessoa, ao mesmo tempo em que constitui como uma pessoa em si, estabelece uma unidade que se constitui na outra pessoa. É a inter-relação que se mantém de forma indivisível, ao mesmo tempo que se apresenta como distinção.

Em relação à Trindade, pericórese significa a mútua inclusão, o recíproco estar-um-dentro-do-outro, a presença ou compenetração que se dá reciprocamente entre as Pessoas divinas, que se unem distinguindo-se e se distinguem unindo-se.

São João Damasceno assim expressava essa realidade: três Pessoas da Trindade “estão unidas, mas sem confusão, estão uma nas outras, e essa pericórese se dá sem fusão e sem mistura” (De fide orthodoxa, I,8 MG 94,829). “Cada uma das pessoas habita, tem sua sede, na outra” (ibid. 1,14). Trata-se da unidade entre Pessoas que não são a mesma Pessoa, mas são Um. (Canbón, 2000, p.27)

A noção de moradia recíproca entre as pessoas em relação é o símbolo que São João Damasceno aponta. A unidade neste sentido é a capacidade de estar na outra pessoa e abrigar a outra pessoa sem perder sua distinção. Essa capacidade de abrigar a vida do outro e não perder sua própria identidade, sem confusão, sem fusão, sem mistura e sem imposição é a característica trinitária presente no conceito de Jesus em Meio. Somente com a realidade de amor recíproco que se estabelece a unidade.

O segundo conceito pertinente é de Kénose. Uma vez entendida a característica da pericórese como acolhida e ser acolhido de forma recíproca, estabelecendo a identidade como essa capacidade simultânea e recíproca de pessoa e relação, é necessário entender como cada pessoa da trindade realiza essa unidade e distinção. Daí a kénose se estabelece como essa característica que viabiliza a pericórese.

A palavra vem de um verbo que expressa o gesto de esvaziar (por exemplo, uma vasilha cheia de água). Sua enorme importância teológica deve-se ao fato de o Novo Testamento usar esse conceito aplicando-o a Jesus Cristo. A Segunda Pessoa da Trindade, o Filho/Verbo, em Jesus de Nazaré ‘esvaziou-se’ de sua divindade para fazer-se um de nós, um conosco.

Portanto, kénose significa a pessoa despojar-se por amor do que lhe é próprio, dar-se totalmente para ‘fazer-se um’ com os outros para ‘viver o outro’, para permitir que o outro se realize e, desse modo, colocar as condições para ser plenamente ele próprio. (Canbón, 2000, p. 28-29)

A kénose tem uma característica de esvaziamento individual. É uma pessoa que realiza a kénose. Quando se constata, na sociabilidade e na convivência, que esse kénose, esse esvaziamento, e essa doação de sua própria vida, identidade, bens, esforços e sentimentos é recíproca, então se instala uma relação pericóretica. A kénose é muito mais uma atitude, um atributo de uma pessoa, uma ação e decisão de forma mais distintiva pessoal. Quando essa atitude, essa característica se estabelece de forma recíproca, sem necessidade de abuso, imposição, submissão, numa realidade saudável de constituição e entendimento individual através da relação, estabelece-se a pericórese.

O terceiro conceito para esse entendimento, no qual tanto a pericórese quanto a kénose tem sua fundamentação em termos de sociabilidade humana é o amor ágape. Aqui, o amor recíproco, fundamento no conceito de Jesus em Meio, de unidade, é ágape. Essa é a expressão amorosa na qual Jesus se fundamenta quando afirma que ninguém tem maior amor do que aquele que dá a vida por seus amigos. É esse amor ágape que a revelação cristã apresenta sua novidade.

Esperamos deixar claro, no decorrer do nosso texto, que não se trata de um amor que ‘se acrescenta’ externamente ao ‘amor humano’. Falamos do amor ‘interior’ a toda capacidade humana de amar. Todo tipo de amor que o ser humano for capaz de expressar terá mais plenitude à medida que se deixar modelar, impregnar, vivificar, pelo amor divino.

O que o amor/ágape faz é explicitar todas as potencialidades positivas com que o coração humano é capaz de amar. Formatando-o a partir de dentro, enriquece-o, embeleza-o, fá-lo florescer, purificando-o e renovando-o constantemente. (Canbón, 2000, p. 32-33)

Nesse ponto, o amor ágape é visto não somente pelo amor a Deus, mas como o amor de Deus. É dessa forma que Deus nos ama, e foi isso que Cristo revelou, que é possível amar como Deus nos ama. É possível amar ao ponto de sermos destruídos por esse amor, que é maior que a humanidade. Ao relacionar amor ágape com a

humanidade, Jesus Cristo apresentou a única forma de isso acontecer, através da cruz e do sofrimento, ao absorver a dor e o mal na humanidade para si mesmo.

O amor ágape, esse amor divino, se manifesta então pela doação da vida. A relação de amor trinitária, entre pericórese e kénose, é através desse amor ágape, no qual a humanidade pode participar em Jesus Cristo. É essa a lógica amorosa de Deus, uma lógica oblativa e sacrificial, para que os demais vivam.

De forma recíproca, a sociabilidade da trindade se torna possível quando há amor recíproco, amor ágape, que através da doação vivifica todos os amores da humanidade, entre pais e filhos, esposas e esposos, irmãos e irmãs e expressa sua plenitude na doação recíproca.

Para Bento XVI, em sua encíclica Deus Caritas Est, o ágape se torna distinto do eros, amor humano e natural, porque transcende a necessidade do Eros de resposta. Bento XVI indica que o Eros é natural e deve ser vivido de forma saudável, porém o erro, que desde o antigo testamento a tradição monoteísta contesta dos povos pagãos, é a divinização do Eros.

Essa divinização do amor eros, desumaniza o próprio eros, orientado para esse amor as necessidades que somente a divindade pode suprir. Assim, reconhecendo a força de eros, e justamente por isso reconhecendo a necessidade de purificações, Bento XVI traz a questão da unidade entre corpo e alma, e não a uma degradação do eros a pura satisfação de impulsos, como se tais impulsos fossem apenas uma parte que deveria ser saciada da totalidade humana, mas uma integração que possa equilibrar o amor humano e o amor divino através do humano.

O ágape não é desejo instintivo, é o chamado do homem ao mistério. O desejo erótico tem sua relação com o desejo do homem por Deus. Porém essa relação é mística e Bento XVI aponta como exemplo de amor ágape o rito eucarístico de Jesus Cristo, a doação plena da vida até mesmo da carne e sangue. O sacrifício da cruz, consumado, se coloca como expressão de amor pela humanidade. A fé em Deus, intimamente ligada a fé no amor, uma vez que Deus é amor, se coloca como ponto fulcral na compreensão das duas categorias fundamentais do amor: exclusividade e eternidade. O amor se desenvolve em direção a uma única pessoa e tende a permanecer eterno. Tal conclusão processual de eros em purificação ao ágape se mostra na encíclica.

Na realidade, eros e ágape – amor ascendente e amor descendente – nunca se deixam separar completamente um do outro. Quando mais os dois encontrarem a justa unidade, embora em distintas dimensões, na única

realidade do amor, tanto mais se realiza a verdadeira natureza do amor em geral. (Bento XVI, 2005, p.17)

As características do amor se colocam como a base da fé bíblica, neste amor mesclado de fé, união de sentimentos, vontade e pensamento, que é o ágape. Essa dinâmica apenas é permitida pelo imenso amor de Deus pela humanidade, um amor que só é possível porque acolhe e perdoa. Essa é a dinâmica kenótica e pericorética da qual Canbón explica. Esse mistério estabelece um entendimento que apresenta a realidade da Trindade na sociabilidade humana, com seus mandamentos presentes na relação.

Deste modo, já não se trata de um mandamento que do exterior nos impõe o impossível, mas de uma experiência do amor proporcionada do interior, um amor comunicado aos outros. O amor cresce através do amor. O amor é divino, porque vem de Deus e nos une a Deus, e através deste processo unificador, transforma-nos em um. Nós, que supera as nossas divisões e nos faz se um só, até que no fim, Deus seja tudo em todos. (Bento XVI, 2005, p. 35)

3) A Trindade e o Mal

Finalmente, a partir da compreensão de que Deus trino é porque ama, e que o entendimento do mistério revelado por Jesus Cristo nos autores estudados é que Deus é amor, e um amor ágape que estabelece sua realidade ontológica na relação amorosa, pericorética e kenótica, observamos como o sofrimento e a morte podem se instaurar na condição humana, e mesmo e principalmente na religiosa e institucional, através da apartação da trinitariedade de Deus.

Para Canbón (2000), em sua percepção do Mal, a realidade do cristianismo diante da sociedade: o tradicionalismo, ou conservadorismo; o progressismo ou humanismo e a do protesto social, ou ativismo.

As três características podem ser identificadas com as Pessoas da Trindade. O Pai, como a autoridade, a tradição a conservação dos valores e alianças já existentes no antigo testamento e nas dimensões normativas da fidelidade e da memória. O Filho como a manifestação do Logos e da capacidade humana de amar e de investigar a natureza, a sociedade a arte, no papel de protagonista do mundo . E o amor profético do Espírito Santo, que se manifesta no anúncio transformador do Reino e de sua justiça e da denúncia do Mal e da iniquidade humana.

Porém, quando uma dessas características deixa de seu vista, percebida, como o conceito de Jesus Abandonado que não vê mais o amor do Pai, deixa de ser cristã, no

sentido mais objetivo da revelação do Cristo, e então se estabelece uma relação de sofrimento e apartação da Trindade.

O Mal assume a caricatura das três dimensões. Numa realidade unilateral patrocêntrica, centrada no Pai, estabelece-se ditaduras opressivas e agressivas, impedindo o desenvolvimento humano e afirmando a imposição de uma única verdade, parcial e egoísta, anacrônica e estéril. É o apego e a inveja que impedem o fluir do amor divino em direção a humanidade.

A realidade humanista se torna relativista, impedindo uma ascensão à personalidade do Pai, recusando-se a fazer do Pai uma morada na qual se repousa, mas buscando inutilmente uma realização na humanidade, frágil, limitada e ignorante, numa perspectiva emocional, ridícula e irracional, sem compromisso com a comunidade e com a transformação social.

E por fim a realidade ativista pode se tornar disforme e perder os referenciais, buscando somente a realização de missões sem a unidade essencial da transcendência com a transformação da humanidade, num delírio cego, perturbador, vazio e desesperado de caóticas mudanças incessantes.

Por fim, a realidade da ontologia trinitária, Deus uno e trino, em relação ao mal, a falta de percepção da presença do amor de Deus, se apresenta como a ausência da relação com Deus. Ora a própria constituição ontológica de Deus é Trindade. Assim, o mal se reconhece em Jesus Abandonado, que grita de dor pelo Pai, com sede do amor que sempre vivera.

No evangelho de João, esse grito de dor é assumido pela entrega de Jesus de seu espírito (Jo 19, 30) e em Lucas Jesus entrega especificamente o Espírito ao Pai (Lc 19, 46). Assim, a realidade do Mal é a cegueira do amor relacional desse Deus relacional. Jesus, integrante da Trindade, se via fora dela, e assim sofreu todo o Mal presente na humanidade. A secura de amor, a incompreensão, o dano físico a injustiça social e o abuso emocional estavam presente em Jesus abandonado.

Ainda assim, sua entrega do espírito nos mostra que a realidade de Jesus Abandonado, o Mal agindo, não é a última palavra. A realidade de amor, que ressuscita junto com Jesus, nos oferece a unidade dessa trindade como a mais preciosa herança cristã. No final do evangelho de Mateus, Jesus ordena que quem quer ser seu discípulo se batize em nome do Pai, do Filho e do espírito Santo, e que assim ele estará com seus discípulos todos os dias até o fim do mundo. (Mt 28, 19-20)

4) Bibliografia

CODA, Piero. (2003). “Um carisma e uma obra de Deus”. In: *Ideal e Luz*. Vargem Grande Paulista. Editora Brasiliense e Cidade Nova.

MONTORO, André Franco (2003). “Significação da Obra de Chiara Lubich”.
In: *Ideal e Luz*. Vargem Grande Paulista. Editora Brasiliense e Cidade Nova.

CASTELLANO, Jesús.(2003) Uma Espiritualidade que une o vértice do divino e do humano. In: *Ideal e Luz*. Vargem Grande Paulista. Editora Brasiliense e Cidade Nova.

LUBICH, Chiara. (1995) *Cristo Revivido através dos séculos*. Vargem Grande Paulista. Cidade Nova.

BENTO XVI, Papa. (2005). *Deus Caritas Est*. Libreria Editrice Vaticana. Cidade do Vaticano

CANBÓN, Enrique. (2000). *Assim na Terra como na Trindade*. Vargem Grande Paulista. Cidade Nova.

Bíblia Sagrada. (1990) São Paulo. Paulus.